

A ALFABETIZAÇÃO E O ENSINO REMOTO EMERGENCIAL: descobertas e constatações

Elvira Cristina Martins Tassoni¹

Eixo temático: 10. Alfabetização e ensino remoto: desafios, aprendizados e perspectivas

Resumo: Esta pesquisa vincula-se a uma investigação conduzida pelo coletivo ALFABETIZAÇÃO EM REDE, sob a coordenação da Profa. Dra. Maria do Socorro Macedo da UFSJ, visando compreender a situação da alfabetização de crianças no Brasil durante a pandemia da COVID-19. O presente texto tem o objetivo de apresentar os caminhos encontrados para o trabalho com a alfabetização, considerando as práticas de leitura e de escrita, no ensino remoto. Participaram da pesquisa 19 professoras dos anos iniciais do Ensino Fundamental pertencentes à rede pública municipal de ensino de cinco cidades do estado de São Paulo, via Skype, pela técnica de grupo focal. Os resultados mostraram que muitos obstáculos torxeram grandes dificuldades para a realização do trabalho pedagógico: o baixo índice de acesso por parte das famílias por falta de equipamento apropriado e internet adequada, a demora de algumas Secretarias de Educação em definir e divulgar orientações para as escolas, as incertezas em relação ao tempo em que as escolas permaneceriam fechadas, as tensões geradas diante das divergências de concepções sobre o trabalho com a alfabetização entre as professoras que teriam que planejar coletivamente as atividades. No entanto, mesmo em situação tão adversa, houve relatos importantes das professoras sobre os caminhos encontrados na busca de um trabalho significativo e relevante para as crianças, bem como descobertas visando o fortalecimento do trabalho coletivo. Conclui-se, que diante de um cenário tão inusitado e, por isso, desafiador, as professoras construíram caminhos, negociaram, debateram, aprenderam e lutaram pelos alunos.

Palavras-chaves: COVID-19 e escola; práticas pedagógicas; leitura e escrita.

Introdução

O ensino remoto emergencial foi instituído em todo o território nacional como a única possibilidade de se tentar manter um vínculo entre os alunos, seus professores e a escola. A experiência dramática da pandemia da COVID-19 impôs, ao mundo todo, profundas alterações na vida cotidiana.

Na escola, vimos o espaço do encontro, da troca, da partilha, do agir e pensar com o outro ser substituído pelas telas, pelo fazer atividades impressas no isolamento dos lares.

¹Doutora em Educação pela Unicamp. Docente titular do Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC-Campinas. Contato: cristinatassoni@puc-campinas.edu.br

Como problematiza Dussel (2020, p. 5), a mudança dos espaços de ensino e de aprendizagem durante a pandemia nos mobiliza a refletir o que essa experiência tem nos mostrado. “¿Qué pasa con la mudanza o domiciliación de la escuela en el espacio doméstico? ¿Qué posibilidades de filiación a los saberes se abren, y cuáles se desorganizan? ¿Qué márgenes para nuevas apropiaciones se inauguran?”

Este trabalho apresenta um recorte da pesquisa que faz parte de um estudo mais amplo envolvendo um coletivo de pesquisadores de todo o país – ALFABETIZAÇÃO EM REDE – coordenado pela Profa. Dra. Maria do Socorro Alencar Nunes Macedo, da Universidade Federal de São João del Rei e visa compreender de forma aprofundada a situação da alfabetização de crianças no Brasil, durante a pandemia da Covid-19.

A primeira fase do estudo maior contou com a aplicação de questionário a docentes da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental, entre os meses de junho a setembro de 2020, contabilizando 14.734 respondentes (CARDOSO, 2021). A segunda fase do estudo está em andamento e envolve a realização de grupos focais com docentes das etapas de ensino já mencionadas, adensando informações sobre o ensino remoto e a alfabetização.

A pesquisa aqui apresentada traz resultados parciais da segunda fase que compõe o estudo maior e tem o objetivo de apresentar os caminhos encontrados para o trabalho com a alfabetização, considerando as práticas de leitura e de escrita, durante o ensino remoto. Participaram desta fase 19 professoras dos anos iniciais do Ensino Fundamental, vinculadas a cinco redes de ensino de cinco municípios do estado de São Paulo.

Foram realizados quatro grupos focais, via Skype, com a participação de quatro a seis professoras em cada um, durante o ano de 2021. Os encontros foram gravados e transcritos. Todas as participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

2 Sobre as participantes e as experiências vividas

Todas as professoras participantes têm formação em Pedagogia. Três delas têm uma outra licenciatura e uma fez Publicidade, cursando Pedagogia após trabalhar por 20 anos na primeira área. Além da graduação, nove professoras fizeram especializações em diferentes vertentes educacionais – Psicopedagogia, Educação Especial, Educação e Tecnologia, Ensino de Ciências e Matemática para os anos iniciais, Alfabetização e Neurociência. Uma professora tem mestrado em educação e outra está cursando e cinco delas ingressaram no doutorado, também em educação.

Quanto ao tempo de experiência no magistério variou entre 1 e 26 anos. Dez professoras têm mais de 10 anos de experiência e nove delas têm menos que isso. Das 19 professoras, seis delas já atuaram na Educação Infantil e boa parte do grupo teve experiência com turmas de diferentes idades no Ensino Fundamental. Apenas três professoras atuaram em um ano específico desta etapa de ensino: uma ingressou na rede municipal em 2020, assumindo um 1º ano e se manteve em 2021 com o 1º ano; a outra também ingressou recentemente, atuando com 3º ano; e a terceira atua há 3 anos com o 2º ano.

Impossibilitados de estarem na escola, professores e alunos tiveram que encontrar outras formas de manterem o contato. Inicialmente, de maneira oficial, as Secretarias de Educação, nas quais as professoras participantes da pesquisa estavam vinculadas, buscaram formas de viabilizar a realização do trabalho pedagógico, basicamente por meio de atividades impressas elaboradas especificamente para esse momento e/ou o livro didático e via plataforma digital. A primeira constatação feita foi a inexistência, no campo educacional, de uma cultura digital no país como um todo. Pouca familiaridade com a tecnologia por parte dos professores, baixa conectividade – ausência de equipamento adequado e de internet banda larga por parte das famílias. Conforme as informações das professoras participantes, o acesso às plataformas digitais era muito baixo, como também a participação nos encontros síncronos propostos via Google Meet. A impossibilidade de contato com as crianças levou a outros caminhos e o WhatsApp foi o meio que possibilitou maior efetividade. Era pelo WhatsApp que as professoras gravavam áudios explicando as atividades postadas e as impressas, enviavam outras informações, e era pelo WhatsApp que muitas famílias encaminhavam fotos das atividades feitas pelas crianças.

Além da constatação envolvendo o enorme desafio em relação ao acesso das famílias e das crianças, outra constatação foi a impossibilidade de poder contatar com a interação entre as crianças, como forma de potencializar as aprendizagens. Especificamente no âmbito do trabalho com a alfabetização, outra constatação foi o limite que a distância impunha às intervenções. A impossibilidade do encontro na sala de aula impedia muitas formas de diálogo que poderiam promover as reflexões necessárias para o processo de alfabetização das crianças.

Mesmo diante de tantos desafios, as professoras encontraram caminhos que se mostraram promissores para a aprendizagem: o tipo de material preparado para as famílias retirarem na escola, a literatura e a força do trabalho em parceria.

As descobertas

Como já mencionado, diante das dificuldades para a realização das atividades

postadas, por impossibilidades de acesso ou por falta de equipamento apropriado, uma ação tomada rapidamente foi a elaboração de atividades impressas para serem retiradas na própria escola. Geralmente era uma coletânea de atividades para serem feitas com periodicidade mensal, quinzenal ou semanal. Uma das professoras contou que quem elaborava as atividades a serem retiradas pelas famílias era a Secretária de Educação com base no currículo do município: “a secretaria começou a fazer kits de atividades que são os roteiros pedagógicos é um por mês, tá assim desde 2020, com várias atividades de todas as disciplinas. São as professoras que corrigem e dão um retorno e aqueles alunos que têm mais dificuldade, a gente elabora uma apostila com atividades de alfabetização” (Gisele²).

Alguns relatos evidenciaram claramente a cisão entre o pensar e o fazer. A impossibilidade de o professor realizar o seu trabalho desde o planejamento, a execução e a análise/avaliação de como tudo foi concretizado produziu um abismo entre a maioria das crianças e as atividades propostas, diante do insucesso em realizá-las. Outras experiências, no entanto, demonstraram a possibilidade, conforme a organização do trabalho, de que os encontros virtuais oferecessem as bases para o planejamento de atividades impressas e/ou postadas, buscando formas de contextualização: “no encontro pelo Meet tem uma leitura e o texto é sempre o ponto de partida para um contexto geral para acontecer todas as atividades. A gente explica tudo como vai acontecer a semana e a gente fica bem aberto para ouvir pra criar, pra imaginar e isso que fez o trabalho ficar legal” (Vitória).

Uma das professoras que atua no 1º ano contou que diante da necessidade de preparar atividades para serem impressas e retiradas pelos pais, incluiu juntamente a essa coletânea um kit para cada criança em uma caixa com livros impressos em “letra maiúscula e em letra de imprensa, gibi, jogo de madeira, material de alinhavo, tinta, papel, milho, fio de contas para encaixar. Fui fazendo vídeos que eu postava para ensinar como utilizar aquele material todo” (Elena). Foi assim que Elena organizou o trabalho orientando as crianças a fazerem montagens, a jogar, a explorar todo o material que estava na caixa retirada na escola, incentivando os desenhos, as pinturas e conversando sobre o que haviam observado nos livros, nos gibis e se alguém havia lido algumas das histórias para eles, o que oportunizava momentos de reconto entre as crianças. Elena estabeleceu parcerias com os professores de Artes e de Educação Física: “a gente criava as brincadeiras, o pessoal se movimentava e a gente fazia os exercícios juntos”.

Com o tempo, Elena foi percebendo as crianças mais confiantes diante da tela, mais familiarizadas com as ferramentas e com o Google Sala de Aula e começou a ampliar as propostas para produção de textos coletivos, análise e discussão sobre a escrita de palavras

² O nome das professoras é fictício para preservar a identidade, conforme acordado com a pesquisadora.

relacionadas às histórias: “hoje, depois de passarem por múltiplas linguagens eles começaram a fazer jogos virtuais, a pesquisar sites, a fazer jogos de língua portuguesa, de matemática, música; usamos muita música, muita poesia, porque a poesia tem rima e os pequenos foram percebendo e a gente ia discutindo e comparando as palavras, foi muito legal”.

Os encontros virtuais, mesmo com uma participação muito baixa de alunos, foram explorados com contação de histórias e com atividades de exploração da escrita de palavras, com jogos como forca que também proporcionavam reflexões sobre a escrita das palavras. As contações de história também aconteciam pelo You Tube ou pelos canais de TV aberta de algumas cidades.

Para o enfrentamento de tantos desafios e diante de demandas urgentes com o planejamento de atividades para serem postadas e impressas para a composição de coletâneas, as professoras contaram que emergiu de maneira muito intensa as diferenças de concepções entre elas em relação à alfabetização e, conseqüentemente, no que se refere às atividades a serem propostas. Muita negociação foi necessária e um (in) tenso processo de reflexão, de argumentação foi vivido. Segundo parte das professoras, a necessidade de ajuda mútua frente aos desafios da tecnologia e a grande dose de criatividade para se construir um trabalho nessas condições fortaleceu as parcerias entre elas, promovendo o compartilhamento de ideias, de práticas e de aprendizagens. Para algumas, tal parceria se firmou entre as professoras do mesmo ano ou do ciclo de alfabetização (1º e 2º ano), entre elas e os professores de Artes e Educação Física e até mesmo entre os professores do 1º ao 5º ano, investindo em Projetos Integrados. Algumas falas destacam o significado das trocas e da parceria do coletivo:

Tem sido uma possibilidade bem rica de aprendizado mesmo. Às vezes eu sinto que é como se eu tivesse uma formação constante nessas reuniões coletivas que nós temos porque eu aprendo demais com elas, mesmo nesse ambiente restrito que a gente não se vê e tem que pensar tudo de forma meio adaptada (Alice).

Eu achei muito legal o trabalho eu tenho a sensação de que no retorno presencial e talvez seja mais uma expectativa da gente continuar nessa parceria interessante nessa intimidade que a gente conseguiu desenvolver no trabalho (Cibele).

Não dá mais para a gente planejar sozinha e isso veio para ficar, a gente passou por um processo de continuidade, eu sei o que o primeiro ano tá trabalhando, eu sei o quê tá trabalhando no terceiro ano e eu no segundo ano trabalhando articulada com todo mundo porque a gente vê do ano passado. Olha que lega, a professora desse ano já sabe o que a professora do ano passado conseguiu fazer, então é uma continuidade mesmo (Elena).

Nesta experiência do ensino remoto muitas ausências e silêncios foram constatados,

no entanto, retomando Dussel (2020) que saberes tornaram-se possíveis de serem construídos? Que aprendizagens se efetivaram? Para algumas crianças foi possível construir contextos muito mais significativos para o trabalho com a alfabetização como um processo discursivo. Embora com menos oportunidades para escrever de forma autoral, pois houve muita interferência da família para que a escrita seguisse a convenção, as crianças tiveram a oportunidade de ouvir e entender o outro pela leitura, a falar sobre si, sobre a sua casa, a sua família, as plantas do quintal. Algumas professoras puderam conhecer parte de seus alunos e suas famílias, de uma forma que somente com essa experiência foi possível. Reuniram um rico material que pode gerar muito motivos para se escrever, nesta retomada das aulas em modelo híbrido. Abre-se a oportunidade para as crianças falarem mais sobre o que viveram, falar sobre o que pensam e sentem e escrever o que falam (SMOLKA, 2000).

A pandemia de COVID-19 provocou um rompimento forçado de um funcionamento escolar secular. A escola, um lugar físico, onde se promove o processo educativo de crianças e jovens, dentro de uma sala de aula com lousa, carteiras, livros e cadernos, sob a orientação de um professor. As tecnologias ganharam todo o espaço e as aulas mudam radicalmente de formato, acontecendo dentro das casas das famílias. Teria essa experiência, que envolveu o ensino remoto emergencial, força suficiente para promover uma renovação das práticas pedagógicas e uma transformação da escola? (NÓVOA; ALVIM, 2021). Uma escola mais próxima da vida de seus alunos, uma escola mais forte na parceria entre professores, um trabalho de alfabetização que inquiete as crianças para refletir sobre, arriscar e significar a linguagem escrita, considerando as necessidades e os motivos para ler e escrever.

5 Considerações Finais

Sem dúvida, a impossibilidade de estar todos juntos na sala de aula afetará o curso do desenvolvimento de milhares de crianças. Nada substitui o espaço escolar, que é espaço de apropriação e de produção de conhecimentos, por meio da (con) vivência, aprendendo a ouvir pontos de vistas diferentes, a ver modos de agir diferentes, a fazer escolhas, a argumentar, a trabalhar em grupo, a se colocar/a falar no coletivo, a se posicionar, entre tantas outras coisas. A escola é um local especial de conviver e, por isso um local especial de aprender.

Apesar das oportunidades desiguais, houve aprendizagens importantes para todos que não podem ser abandonadas. O retorno à sala de aula, ao considerar o que foi vivido durante o ensino remoto emergencial, poderá ser mais interessante, mais dinâmico, mais produtivo e efetivo para a alfabetização. Pensar em recuperar o tempo perdido será uma armadilha com forte risco de se apagar tudo que foi experienciado durante a pandemia da COVID-19. As professoras participantes da pesquisa deram pistas sobre outras formas de

trabalho e precisam acreditar nesse caminho cada vez mais, continuando a luta por seus alunos.

Referências

CARDOSO, André Luís J. **Dados da pesquisa Alfabetização em Rede**. 2021. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/351495713> DOI: [10.13140/RG.2.2.28811.00808](https://doi.org/10.13140/RG.2.2.28811.00808)

DUSSEL, Inés. 2020. **La escuela en la pandemia**. Reflexiones sobre lo escolar en tiempos dislocados. *Práxis Educativa*, v. 15, p. 1-16, 2020.

NÓVOA, António; ALVIM, Yara Cristina. Covid-19 e o fim da educação 1870 – 1920 – 1970 - 2020. **Revista História da Educação** (Online), 2021, v. 25: e110616. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/2236-3459/110616>

SMOLKA, Ana Luiza B. **A criança na fase inicial da escrita: a alfabetização como processo discursivo**. 9. ed. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2000.